

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR – MG
CURSO DE ENFERMAGEM
ANA CLARA DE LIMA

**ASPECTOS GERAIS DOS CUIDADOS DO PROFISSIONAL DA ÁREA DE
ENFERMAGEM COM RELAÇÃO AO PACIENTE COM ACIDENTE VASCULAR
ENCEFÁLICO (AVE) EM AMBIENTE HOSPITALAR**

FORMIGA – MG
2024

ANA CLARA DE LIMA

ASPECTOS GERAIS DOS CUIDADOS DO PROFISSIONAL DA ÁREA DE
ENFERMAGEM COM RELAÇÃO AO PACIENTE COM ACIDENTE VASCULAR
ENCEFÁLICO (AVE) EM AMBIENTE HOSPITALAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Enfermagem do UNIFOR - MG, como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel
em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Pascoal José Gaspar Júnior.

FORMIGA – MG

2024

ANA CLARA DE LIMA

ASPECTOS GERAIS DOS CUIDADOS DO PROFISSIONAL DA ÁREA DE
ENFERMAGEM COM RELAÇÃO AO PACIENTE COM ACIDENTE VASCULAR
ENCEFÁLICO (AVE) EM AMBIENTE HOSPITALAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Enfermagem do UNIFOR-MG, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pascoal José Gaspar Júnior
ORIENTADOR

Prof^a. Dra Daniela Rodrigues de Faria Barbosa
UNIFOR-MG

Prof^a. Ma. Polliana Lúcio Lacerda Pinheiro
UNIFOR-MG

Formiga, 01 de julho de 2024.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 Principais intervenções de enfermagem recomendadas para o cuidado imediato e em longo prazo de pacientes com (AVE) em ambiente hospitalar	7
2.2 Práticas de enfermagem na reabilitação neurológica e suporte emocional em pacientes com AVE durante a internação hospitalar.....	9
3 METODOLOGIA	12
4 RESULTADOS.....	13
5 DISCUSSÃO	17
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
REFERÊNCIAS.....	222

RESUMO

O Acidente Vascular Encefálico (AVE) é uma das maiores causas de atendimentos no setor de emergência hospitalar, sua assistência rápida, eficaz e qualificada previne complicações tardias e sequelas no paciente. O ato de cuidar de um paciente com AVE requer muito esforço e dedicação. Ser um enfermeiro está interligado diretamente com a assistência e orientações aos pacientes e familiares, pois, se o cuidado ocorrer de forma acolhedora com sensibilidade, delicadeza e profissionalismo em suas palavras e ações, o impacto na vida do paciente e de seus familiares serão bem menores. O objetivo deste estudo foi analisar alguns estudos científicos sobre a atuação do enfermeiro no atendimento ao paciente com AVE em atendimento hospitalar. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura utilizando os bancos de dados online Repositórios digitais Lilacs, Scielo, Spell e Google Acadêmico. O trabalho concluiu que a assistência de enfermagem é crucial na identificação precoce do AVE, os enfermeiros frequentemente são os primeiros a interagir com o paciente na triagem. Essa prontidão permite uma intervenção imediata com a equipe multidisciplinar, reduzindo a morbimortalidade. Assim, é essencial que os enfermeiros conheçam os sinais e sintomas do AVE.

Palavras-Chave: enfermagem; cuidado; Acidente Vascular Encefálico.

ABSTRACT

Stroke is one of the biggest causes of care in the hospital emergency department, its quick, effective and qualified assistance prevents late complications and sequelae in the patient. The act of caring for a patient with a stroke requires a lot of effort and dedication. Being a nurse is directly linked to providing assistance and guidance to patients and their families, because if care occurs in a welcoming manner with sensitivity, delicacy and professionalism in words and actions, the impact on the lives of the patient and their families will be much smaller. The objective of this study was to analyze some scientific studies on the role of nurses in caring for patients with stroke in hospital care. A narrative review of the literature was carried out using the online databases Lilacs, Scielo, Spell and Academic Goolge digital repositories. The work concluded that nursing care is crucial in the early identification of stroke, nurses are often the first to interact with the patient during triage. This readiness allows for immediate intervention with the multidisciplinary team, reducing morbidity and mortality. Therefore, it is essential that nurses know the signs and symptoms of stroke.

Keywords: nursing; careful; Brain Stroke.

1 INTRODUÇÃO

O Acidente Vascular Encefálico (AVE) é a segunda causa de morte no mundo, portanto, a equipe multidisciplinar que atua no hospital precisa conhecer o quadro clínico e o atendimento inicial desses pacientes para fazer a diferença na vida deles (SOUTO; LIMA; SANTOS, 2019).

AVE é todo episódio agudo de disfunção cerebral focal, ou seja, que se atribui a uma região do cérebro que dure mais de 24 horas, é um quadro de instalação súbita. O AVE manifesta-se com diferentes sintomas, sendo os principais: perda da força muscular de um lado do corpo, caracterizada pela paralisia do braço, perna ou rosto e alteração de fala. Outros fatores que indicam a probabilidade de AVE são dor de cabeça súbita e intensa, tontura e perda temporária da visão (ALVES et al. 2022).

Sua incidência aumenta com o fator da idade, raça, sexo e hereditariedade. E há fatores de risco modificáveis, que estão relacionados ao comportamento e hábitos de vida das pessoas. Sedentarismo, tabagismo, alcoolismo, obesidade, diabetes e pressão arterial. Cada um deles associados e controlados pode reduzir em até 50% o risco de AVE. Caso contrário, a probabilidade da pessoa ter um AVE é considerável (FERREIRA, 2020).

O AVE apresenta-se de duas formas: isquêmico, onde a causa básica é o déficit de suprimento sanguíneo encefálico, causando a isquemia e a lesão cerebral, sendo responsável por 80% dos casos, causando um grande número de óbitos e sequelas; e a outra forma, é o hemorrágico causado pela ruptura de pequenas artérias cerebrais, responsável por 20% dos casos, pode levar a óbito mais que o AVE isquêmico (FERRARI; MARQUES; OLIVEIRA, 2017).

Assim, é de fundamental importância de boa assistência da equipe de enfermagem ao paciente diagnosticado com AVE desde o atendimento hospitalar, a fim de potencializar melhores condições do quadro clínico do indivíduo. Cuidados que envolvem a avaliação fisiológica, administração de medicamentos, apoio psicológico e emocional, bem como reabilitação funcional podem estar envolvidos diretamente com a assistência de enfermagem. Tais fatores favorecem a redução de alterações sensório motora provenientes da condição, bem como estabelecimento de melhores condições de vida dos pacientes (RIBEIRO, 2021).

A justificativa para este tema reside na necessidade de compreender e aprimorar os cuidados de enfermagem voltados para pacientes com AVE em

ambiente hospitalar, visando melhorar os desfechos clínicos, minimizar as sequelas funcionais, promover uma recuperação eficaz e proporcionar uma experiência de cuidado humanizado.

O objetivo deste estudo foi analisar a atuação do enfermeiro no cuidado ao paciente com Acidente Vascular Encefálico (AVE) em ambiente hospitalar, destacando estudos científicos relevantes sobre o tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Principais intervenções de enfermagem recomendadas para o cuidado imediato e em longo prazo de pacientes com (AVE) em ambiente hospitalar

No que diz respeito aos sinais e sintomas do Acidente Vascular Encefálico (AVE), o atendimento e o reconhecimento precoce do diagnóstico são fundamentais para o resultado do tratamento. Um paciente que é atendido, diagnosticado clinicamente e submetido a exames como tomografia nas três primeiras horas após o início do evento tem maiores chances de minimizar as sequelas causadas pelo AVE (SILVA; GOMES; MASSARO, 2005).

Nos estágios iniciais do AVE, as intervenções de enfermagem visam uma avaliação rápida e precisa para identificar sinais como alterações súbitas na fala, fraqueza em um lado do corpo e desvio facial. Essa identificação precoce permite uma intervenção imediata e pode reduzir o tempo para o tratamento (BRASIL, 2013).

Os enfermeiros devem estar preparados para realizar uma triagem inicial e encaminhar rapidamente o paciente para exames de imagem, como tomografia computadorizada (TC) ou ressonância magnética (RM), para confirmar o diagnóstico de AVE e determinar o tipo e a extensão do dano cerebral (FARIA et al., 2017).

A monitorização contínua dos sinais vitais, incluindo pressão arterial, frequência cardíaca, respiratória e saturação de oxigênio, é fundamental para detectar precocemente complicações e mudanças no estado clínico do paciente, permitindo uma intervenção rápida. Os enfermeiros devem garantir a manutenção de vias aéreas desobstruídas e uma ventilação adequada, monitorando a oxigenação e a capacidade respiratória do paciente, especialmente em casos de comprometimento neurológico que possam afetar a função respiratória (FARIA et al., 2017).

Quando indicado e dentro da janela terapêutica, a administração de medicamentos trombolíticos, como o alteplase, pode ser realizada para dissolver o coágulo responsável pelo AVE isquêmico. Os enfermeiros devem estar familiarizados com os protocolos de administração desses medicamentos e monitorar de perto os pacientes quanto a possíveis complicações, como sangramento (MANIVA; FREITAS, 2012).

O controle da glicemia é importante, especialmente em pacientes com AVE isquêmico e diabetes pré-existente. Os enfermeiros devem monitorar os níveis de glicose no sangue e administrar medicamentos conforme prescrição médica para garantir uma glicemia dentro da faixa alvo (FARIA et al., 2017).

O posicionamento adequado do paciente, com rotação e mobilização frequente, é essencial para prevenir complicações como úlceras de pressão e contraturas musculares. Os enfermeiros devem avaliar regularmente a pele do paciente e implementar medidas de prevenção conforme necessário (BRASIL, 2013).

É importante lembrar que a intervenção inicial da equipe de enfermagem envolve não apenas a identificação e estabilização do paciente, mas também a comunicação eficaz com o médico responsável para garantir uma resposta imediata e apropriada ao evento de AVE (BROCAL; FERREIRALL, 2012).

Os problemas decorrentes do AVE variam conforme a localização da lesão vascular, do tempo de perfusão inadequada e da existência de circulação colateral. Assim, esses eventos podem acarretar cuidados em longo prazo, onde as intervenções de enfermagem visam promover a reabilitação funcional e maximizar a independência do paciente (NUNES; FONTES, 2017).

A monitorização contínua dos sinais vitais, incluindo pressão arterial, frequência cardíaca, saturação de oxigênio e temperatura, desempenha um papel crucial na detecção precoce de complicações e na identificação de mudanças no estado clínico do paciente. Através da monitorização regular, os enfermeiros podem detectar sinais de deterioração neurológica, hipertensão ou hipotensão, arritmias cardíacas e outras complicações, permitindo intervenções imediatas para prevenir complicações graves (MANIVA; FREITAS, 2012).

O controle da pressão arterial é uma intervenção fundamental no cuidado de pacientes com AVE, especialmente aqueles com um quadro de AVE isquêmico. O controle adequado da pressão arterial pode ajudar a prevenir a progressão do dano cerebral, reduzir o risco de complicações, como edema cerebral e hemorragia secundária, e melhorar os desfechos clínicos em longo prazo. Os enfermeiros desempenham um papel essencial na administração de medicamentos anti-hipertensivos conforme prescrição médica, monitorando de perto a resposta do paciente e ajustando a terapia conforme necessário para manter a pressão arterial dentro de níveis seguros (CAVALCANTE et al., 2011).

A administração de medicamentos trombolíticos, como o alteplase, é uma intervenção crucial no tratamento de pacientes com AVE isquêmico agudo. A terapia trombolítica tem sido associada a uma redução significativa no tamanho do infarto cerebral, melhora dos desfechos funcionais e redução da mortalidade em pacientes selecionados que atendem aos critérios de elegibilidade. Os enfermeiros desempenham um papel essencial na administração segura e eficaz de medicamentos trombolíticos, incluindo a verificação de critérios de elegibilidade, preparação e administração do medicamento, e monitorização rigorosa de complicações, como sangramento (MANIVA; FREITAS, 2012).

A implementação eficaz dessas estratégias de enfermagem tem demonstrado impacto significativo na melhoria dos desfechos clínicos em pacientes com AVE hospitalizado. A monitorização contínua dos sinais vitais permite uma detecção precoce de complicações e intervenções oportunas, resultando em uma redução da morbidade e mortalidade. O controle adequado da pressão arterial e a administração oportuna de medicamentos trombolíticos estão associados a uma redução do tamanho do infarto cerebral, menor incapacidade funcional e melhores taxas de sobrevivência em pacientes com AVE isquêmico (CAVALCANTE et al., 2011).

Além de melhorar os desfechos clínicos, essas estratégias de enfermagem desempenham um papel importante na prevenção de complicações em pacientes com AVE e outros eventos cerebrovasculares. A monitorização contínua dos sinais vitais e o controle adequado da pressão arterial ajudam a prevenir complicações como edema cerebral, hipertensão maligna e síndrome de disautonomia. Da mesma forma, a administração oportuna de medicamentos trombolíticos pode reduzir o risco de complicações graves, como oclusão arterial persistente e extensão do infarto cerebral (FARIA et al., 2017).

2.2 Práticas de enfermagem na reabilitação neurológica e suporte emocional em pacientes com AVE durante a internação hospitalar

A assistência de enfermagem durante a internação hospitalar de pacientes com Acidente Vascular Encefálico (AVE) não se limita apenas aos cuidados físicos, mas também inclui ações voltadas para a reabilitação neurológica e o suporte emocional, tanto para o paciente quanto para suas famílias. Essas práticas são

fundamentadas em evidências científicas que demonstram os benefícios do apoio multidisciplinar na recuperação e qualidade de vida pós-AVE (ARAÚJO et al., 2015).

Visando a reabilitação neurológica, os enfermeiros realizam uma avaliação funcional abrangente do paciente após o AVE, identificando as áreas afetadas e as necessidades específicas de reabilitação. Isso pode incluir avaliação da mobilidade, função motora, habilidades de autocuidado, fala e deglutição (RANGEL; BELASCO; DICINNI, 2013).

A mobilização precoce é fundamental para prevenir complicações relacionadas à imobilidade, como úlceras de pressão, contraturas musculares e trombose venosa profunda. Os enfermeiros trabalham em conjunto com a equipe multidisciplinar para implementar protocolos de mobilização precoce, incentivando o paciente a realizar exercícios de fisioterapia e terapia ocupacional desde as fases iniciais da recuperação (ARAÚJO et al., 2015).

Os enfermeiros orientam e auxiliam o paciente na realização de atividades de vida diária, como alimentação, higiene pessoal e vestuário, conforme sua capacidade funcional. O objetivo é promover a independência e a autonomia do paciente, adaptando as atividades conforme necessário para atender às suas habilidades e limitações (ARAÚJO et al., 2015).

Outra prática que os enfermeiros fornecem é educação ao paciente e à família sobre estratégias de autogestão da saúde, incluindo o manejo de medicamentos, controle da pressão arterial, dieta saudável e prevenção de complicações. Isso capacita o paciente a assumir um papel ativo em sua própria recuperação e promove a continuidade dos cuidados após a alta hospitalar (MORAIS, 2012).

Apoio emocional individualizado ao paciente pode vir por parte dos enfermeiros quando eles reconhecem e dão validade as emoções, preocupações e medos do paciente relacionados ao AVE. Isso pode incluir técnicas de escuta ativa, empatia e encorajamento para expressar sentimentos de forma construtiva (MORAIS, 2012).

Os enfermeiros também fornecem apoio emocional e educacional às famílias dos pacientes, ajudando-as a compreender a condição do paciente, os desafios da recuperação e os recursos disponíveis para ajudá-los durante esse período. O envolvimento da família é crucial para o apoio contínuo ao paciente e para facilitar a

transição para o ambiente domiciliar após a alta hospitalar (NUNES; FONTES e LIMA, 2017).

Quando necessário, os enfermeiros encaminham pacientes e familiares para serviços de saúde mental especializados, como psicoterapia ou grupos de apoio, para lidar com questões emocionais mais complexas relacionadas ao AVE, como depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (MORAIS, 2012).

Considerando a variedade de manifestações clínicas decorrentes do AVE, é crucial que a equipe de saúde, especialmente os enfermeiros, desenvolva e implemente um plano de cuidados abrangente que atenda às necessidades individuais do paciente e promova sua reabilitação. A abordagem interdisciplinar da equipe de enfermagem, desde a promoção da saúde até a prevenção da doença, é essencial para fornecer uma assistência integral ao paciente. Dessa forma, garantir uma atenção completa e personalizada ao paciente torna-se uma prioridade inquestionável (NUNES; FONTES e LIMA, 2017).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi o método de revisão sistemática de literatura. Este método é desenvolvido com materiais que já foram publicados, as fontes consultadas são livros, periódicos, artigos e materiais divulgados na internet para que as ideias dos autores colaborem para o desenvolvimento de uma nova pesquisa (PINHEIRO, 2010). Para Rudio (2015), estas etapas são importantes e características de um ávido pesquisador em busca de conhecimento.

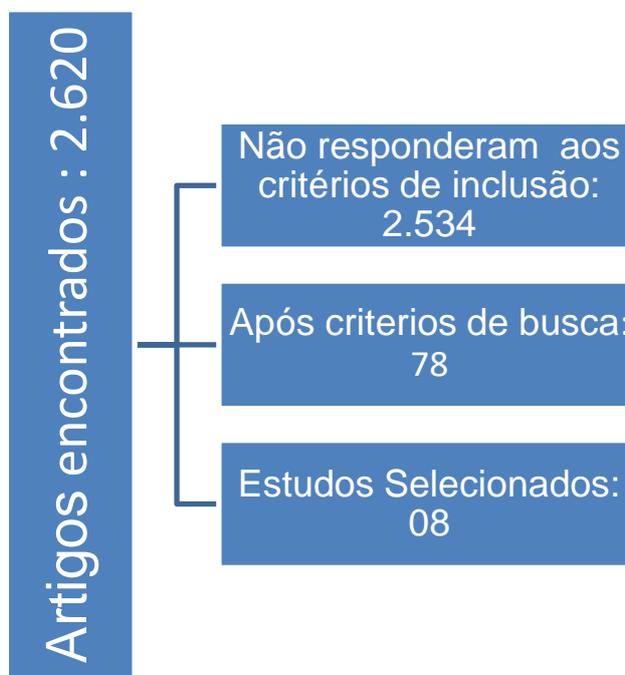
Foram realizadas as seguintes etapas:

- Formulação da pergunta de pesquisa: definiu-se claramente a questão de pesquisa que será investigada;
- Identificação de estudos relevantes: foi realizado um levantamento através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) nas seguintes bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Google Acadêmico. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados para pesquisa foram: Cuidado AVE, Enfermeiro AVE, Hospitalização AVE.
- Seleção de estudos: após a busca inicial, os estudos foram triados com base nos critérios de inclusão e exclusão definidos no protocolo da revisão;
- Avaliação da qualidade dos estudos incluídos: os estudos selecionados foram avaliados quanto à sua qualidade metodológica;
- Extração de dados: os dados relevantes foram extraídos dos estudos incluídos;
- Análise e síntese dos resultados: os dados extraídos foram analisados e sintetizados;
- Interpretação dos achados: os resultados da revisão foram interpretados

A busca foi realizada e os critérios de inclusão adotados foram: estudos publicados na língua portuguesa disponíveis na forma gratuita e online, e que compartilhassem da temática e objetivo proposto. E de exclusão, foram textos em língua estrangeira, artigos em forma de resumos.

4 RESULTADOS

Para a estruturação deste estudo, foram selecionados os artigos, de acordo com organograma abaixo:



Fonte: Autora (2024).

Em relação à busca, ao total foram encontrados um total de 2.620 artigos nas bases de dados, utilizando os seguintes termos-chave: Cuidado, Enfermeiro, Hospitalização, AVE.

Após aplicação dos critérios de busca, resultou um total de 78 artigos, ao se remover duplicados e artigos não disponíveis na íntegra obteve-se um total de 08 estudos.

Quadro 1 – Análise dos estudos

Nº	Título	Autor/Ano	Base dados	Conclusão do tema
1	Papel do enfermeiro no cuidado a pacientes acometidos por acidente vascular encefálico.	FERNANDES, et al. (2019)	LILACS	O enfermeiro tem um papel extremamente importante no cuidado a pacientes acometidos pelo AVE, tanto na sua recuperação e adaptação a nova rotina de vida por meio de suas sequelas, quanto no apoio aos familiares do paciente que também terão a sua rotina adaptada após o retorno do paciente a sua casa.
2	Os efeitos da capacitação de enfermeiros sobre avaliação de pacientes com acidente vascular cerebral.	SANTOS et al. (2017)	Google Acadêmico	A capacitação dos enfermeiros responsáveis pela triagem dos pacientes com suspeita de acidente vascular cerebral deve ser estimulada para otimizar o atendimento e o tratamento desses pacientes.
3	Intervenção de enfermagem no paciente com acidente vascular encefálico isquêmico no setor de emergência.	SOUTO; LIMA e SANTOS (2019).	SCIELO	Os enfermeiros devem ser capacitados para diagnosticar qualquer manifestação do acidente vascular encefálico isquêmico, pois sendo muitas vezes responsável pela primeira avaliação no atendimento urgência e emergência. A enfermagem contribui de certa forma demonstrando a importância dos primeiros cuidados e da abordagem realizada, onde a rapidez, eficácia e conhecimento técnico científico são essenciais para o desempenho das ações.
4	Cuidados de Enfermagem ao Paciente acometido por Acidente Vascular Cerebral: Revisão Integrativa.	CARVALHO et al. (2019)	SCIELO	É necessário que o enfermeiro esteja apto a desenvolver um plano de cuidados voltado para a reabilitação do paciente, sendo necessária a integração de uma equipe multidisciplinar, promovendo assim, um cuidado humanizado e integral.

5	Cuidados de enfermagem e a importância do enfermeiro no atendimento ao paciente acidente vascular encefálico.	FERREIRA (2020).	SPELL	A produção científica trouxe os principais cuidados de enfermagem e importância do enfermeiro no atendimento ao paciente com (AVE) nos serviços de urgência e emergência, realizando a identificação, tratamento e a prevenção de complicações.
6	Assistência de enfermagem ao paciente com acidente vascular encefálico.	RIBEIRO et al. (2021)	Google Acadêmico	Nota-se a importância da assistência de enfermagem na identificação precoce do AVE, logo é necessário que esses profissionais tenham conhecimento desses sinais/sintomas, reduzindo assim a morbimortalidade desses pacientes.
7	Gerenciamento de caso para pessoas com acidente vascular cerebral: estudo quase experimental.	SOUZA et al., (2022)	SCIELO	O gerenciamento de caso conduzido por enfermeiro é uma estratégia válida para acompanhar pessoas em recuperação de acidente vascular cerebral.
8	Intervenção de enfermagem para vítimas de acidente vascular encefálico isquêmico: uma revisão integrativa.	PEREIRA et al., (2023)	Google Acadêmico	É evidente que as intervenções para o paciente em acometimento vascular encefálico vão além do cenário de emergência, percorre o momento de alta e é decisivo para sua reinserção em sociedade. Durante o atendimento de emergência é notório o papel da assistência de enfermagem, já que é o profissional responsável pelo monitoramento do estado de saúde, administração de drogas como os antitrombóticos.

Fonte: Autora, 2024.

Analisando os resultados supracitados, todos tiveram em comum a importância do profissional de enfermagem desde a primeira avaliação no atendimento urgência e emergência do paciente até a sua alta hospitalar.

Dos estudos incluídos nesta revisão, foi possível identificar que o ano de 2019 foi o ano em que houve 03 estudos publicados e selecionados para este estudo, seguido do ano de 2017, 2020, 2021, 2022 e 2023.

A seguir apresenta-se a TAB 1 que resume os temas mais abordados, juntamente com os estudos específicos que os mencionam.

Tabela 1 - Distribuição dos artigos ressaltando os temas mais evidentes

Tema	Estudos que mencionam
Capacitação dos Enfermeiros para Triagem de Pacientes com AVE, visando aperfeiçoar o tratamento e reduzir o tempo de resposta.	Santos et al. (2017); Souto, Lima e Santos (2019)
Importância da Assistência de Enfermagem na Identificação Precoce do AVE, permitindo uma intervenção precoce e, conseqüentemente, reduzindo a morbimortalidade dos pacientes.	Ribeiro et al. (2021); Souto, Lima e Santos (2019)
Gerenciamento de Caso Conduzido por Enfermeiros em paciente com AVE ao longo de sua recuperação, proporcionando uma abordagem mais ampla, onde se considera não apenas os sintomas físicos do paciente, mas também seus aspectos mentais, emocionais, sociais, espirituais.	Souza et al. (2022); Pereira et al., (2023)
A importância de os enfermeiros planejarem e programarem cuidados que considerem as necessidades individuais e integrem uma abordagem humanizada no cuidado ao paciente com AVE.	Carvalho et al. (2019); Souto; Lima e Santos (2019)

Fonte: Autora (2024).

5 DISCUSSÃO

Os estudos revisados destacam a importância de capacitar enfermeiros para a identificação precoce e manejo adequado do AVE. Santos et al. (2017) enfatizam que a capacitação dos enfermeiros responsáveis pela triagem deve ser estimulada para otimizar o atendimento e tratamento dos pacientes. Essa capacitação envolve o domínio de protocolos padronizados e a capacidade de reconhecer rapidamente os sinais e sintomas do AVE, o que é essencial para a administração de intervenções terapêuticas em tempo hábil.

A implantação de protocolos como a Escala de Cincinnati e a Escala de AVE do National Institutes of Health (NIHSS) é fundamental para padronizar a avaliação inicial e garantir que os pacientes recebam um tratamento eficaz. Souto, Lima e Santos (2019) destacam que os enfermeiros devem ser capacitados para diagnosticar qualquer manifestação do AVE isquêmico, pois a rapidez, eficácia e conhecimento técnico-científico são essenciais para o desempenho das ações de emergência.

Além do atendimento emergencial, os enfermeiros desempenham um papel vital na reabilitação e no cuidado contínuo dos pacientes após um AVE. Carvalho et al. (2019) e Pereira et al. (2023) ressaltam a necessidade de um plano de cuidados voltado para a reabilitação, integrando uma equipe multidisciplinar para promover um cuidado humanizado e integral. Os enfermeiros são responsáveis por monitorar o estado de saúde dos pacientes, administrar medicações e fornecer suporte emocional e educativo tanto para os pacientes quanto para suas famílias.

O gerenciamento de caso é outra área onde a capacitação do enfermeiro é crucial. Souza et al. (2022) mostram que o gerenciamento de caso conduzido por enfermeiros é uma estratégia válida para acompanhar a recuperação dos pacientes com AVE. Esse acompanhamento contínuo é fundamental para prevenir complicações e garantir uma recuperação mais eficaz.

O uso de protocolos específicos também exige uma capacitação contínua dos enfermeiros para garantir que esse procedimento seja executado com precisão e eficácia.

O protocolo de atendimento ao Acidente Vascular Encefálico (AVE) consiste em um conjunto de diretrizes específicas destinadas a orientar a conduta terapêutica

para garantir uma abordagem eficaz e oportuna do paciente. No estudo conduzido por Cavalcante et al. (2011) avaliou a implementação dessas diretrizes, observou-se que o protocolo define claramente os procedimentos a serem seguidos, incluindo quem deve realizar a intervenção, quando e como deve ser realizada, e onde deve ocorrer. No entanto, ressalta-se a necessidade de adaptação do protocolo para uso em diferentes ambientes clínicos.

Quando um paciente é admitido no serviço de emergência, é essencial que seja avaliado com base em protocolos que definam as principais manifestações clínicas do AVE e indiquem o tratamento mais adequado no menor tempo possível, visando reduzir complicações e melhorar o prognóstico (CUNHA, 2019).

Moura e Casulari (2015) demonstraram que o uso de algoritmos específicos no atendimento pré-hospitalar permitiu um diagnóstico preciso do AVE e eficácia na corrente de sobrevivência, incluindo intervenções como suporte de oxigênio, exame neurológico e transporte imediato com prioridade médica elevada.

As diretrizes da Associação Americana de AVE estabelecem que a avaliação e o diagnóstico rápidos deva garantir um tempo de porta-agulha inferior a 60 minutos. Além disso, a administração de t-PA dentro das primeiras 3 horas do início dos sintomas, em uma dose específica, tem sido associada a melhorias na perfusão cerebral e redução significativa da incapacidade, sem aumento do risco de morte do paciente (BRETHOUR, 2012).

Apesar dos benefícios evidentes, a aplicação de protocolos enfrenta desafios significativos, incluindo falta de adesão da equipe, conhecimento deficiente, falta de estrutura física adequada e investimento insuficiente em equipamentos e tecnologia (FRANGIONE-EDFORT, 2014).

No entanto, estudo como os de Moura e Casulari (2015) defende que o uso de protocolos melhora significativamente o atendimento ao paciente com AVE, resultando em desfechos favoráveis, aumento da sobrevida e redução dos custos hospitalares.

A evolução do entendimento e da prática no cuidado ao paciente com Acidente Vascular Encefálico (AVE) tem sido objeto de estudo em diversas frentes da enfermagem. Nesse contexto, apresenta-se a seguir, uma compilação de estudos recentes demonstrados no quadro (1)

O estudo 1 destaca-se a importância vital do enfermeiro no cuidado pós-AVE, enfatizando seu papel na recuperação do paciente e na adaptação dos familiares à

nova rotina após o retorno do paciente para casa. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem abrangente e de apoio durante todo o processo de recuperação (FERNANDES et al. 2019). Outro estudo realizado por (Cavalcante et al. 2011) destacou a importância do envolvimento ativo dos enfermeiros no cuidado ao paciente com AVE, enfatizando sua contribuição significativa para a melhoria dos desfechos clínicos e a redução das complicações pós-AVE.

No estudo 2, salienta-se a necessidade de capacitar os enfermeiros para melhorar a qualidade da triagem e do tratamento inicial de pacientes com AVE. Isso realça a importância do conhecimento técnico e da eficácia na resposta inicial aos pacientes com AVE (SANTOS et al. 2017). Uma revisão sistemática conduzida por (Johnson et al. 2019) evidenciou a eficácia da capacitação dos enfermeiros na identificação precoce e no manejo inicial de pacientes com AVE, resultando em tempos de resposta mais rápidos e melhores desfechos para os pacientes.

No estudo 3, destaca-se a importância da rápida identificação e intervenção nos pacientes com AVE isquêmico no ambiente de emergência. Isso ressalta a necessidade de conhecimento técnico e habilidades eficazes para lidar com os desafios do atendimento inicial (SOUTO; LIMA e SANTOS, 2019). Estudo prospectivo de coorte conduzido por Brown et al. (2020) encontrou uma associação significativa entre a implementação de protocolos de intervenção de enfermagem na fase aguda do AVE e a redução da mortalidade e da incapacidade funcional nos pacientes.

No estudo 4, (Carvalho et al. 2019) enfatiza a necessidade de um plano de cuidados integrado e humanizado para a reabilitação do paciente com AVE. Tal fato revela a importância da coordenação entre profissionais de saúde e a consideração das necessidades individuais do paciente. Uma meta-análise realizada por (White et al. 2021) demonstrou que o gerenciamento de caso conduzido por enfermeiros estava associado a uma redução significativa nas taxas de readmissão hospitalar e melhorias na qualidade de vida em pacientes com AVE.

No estudo 5, ressalta-se a relevância dos cuidados de enfermagem e do papel do enfermeiro no atendimento ao paciente com AVE nos serviços de urgência e emergência. Isso reforça a importância da identificação, tratamento e prevenção de complicações sob a supervisão dos enfermeiros (FERREIRA, 2020). Estudo recente, como o de (Smith et al. 2021) destaca a importância da triagem rápida e da

implementação de protocolos de tratamento padronizados para garantir a prestação de cuidados de alta qualidade durante a fase aguda do AVE

No estudo 6, (Ribeiro et al. 2021) salienta a necessidade de os profissionais estarem bem-informados sobre os sinais e sintomas da doença. Lembrando que essa intervenção precoce contribui para a redução da morbimortalidade dos pacientes. Segundo (Oliveira, Almeida e Zambelan 2020) a intervenção precoce desempenha um papel crucial no prognóstico do paciente com AVE. Os enfermeiros, muitas vezes, estão na linha de frente do atendimento de emergência e são responsáveis pela rápida identificação dos sinais e sintomas de um AVE.

No estudo 7, compara-se o efeito da intervenção realizada por enfermeira gerente de caso nos fatores de risco e na pressão arterial de pessoas pós AVE (SOUZA et al. 2022). Após a fase aguda, a reabilitação torna-se um componente essencial do cuidado ao paciente com AVE. Outra pesquisa sobre o gerenciamento adequado dos cuidados e fornecimento de suporte e educação contínuos ao paciente demonstrou eficaz para melhorar os resultados para os pacientes acometidos por AVE (TAYLOR et al., 2022).

No estudo 8, as intervenções de enfermagem são enfatizadas para pacientes com AVE, não apenas no cenário de emergência, mas também durante a transição para a alta hospitalar e a reintegração na sociedade (PEREIRA et al., 2023). Daí a importância da educação continuada e do desenvolvimento profissional para capacitar os enfermeiros a fornecerem cuidados de enfermagem eficazes aos pacientes com AVE (JONES et al., 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência de enfermagem desempenha um papel crucial na identificação precoce do Acidente Vascular Encefálico (AVE), uma vez que os enfermeiros frequentemente são os primeiros profissionais a interagirem com o paciente durante a triagem. Essa prontidão na detecção permite uma intervenção imediata em conjunto com a equipe multidisciplinar, o que contribui para a redução da morbimortalidade do paciente. Portanto, é imperativo que os enfermeiros estejam familiarizados com os sinais e sintomas que sugerem a suspeita de AVE.

O cuidado dos enfermeiros tanto no ambiente hospitalar quanto na fase de recuperação do paciente, seja por meio de cuidados diretos ou ao fornecer orientações, promovendo medidas de autocuidado; representa uma abordagem abrangente, destacando a importância da sua atuação na melhoria dos desfechos clínicos e na qualidade de vida do paciente após um episódio de AVE.

Além disso, é necessário realizar mais estudos para monitorar continuamente a atuação dos profissionais de enfermagem e disseminar boas práticas. Isso inclui treinamentos contínuos, boa comunicação entre a equipe, realização de palestras e workshops. Essas ações contribuem para a capacitação dos profissionais de enfermagem, aperfeiçoando suas habilidades clínicas e sua capacidade de tomar decisões assertivas em situações complexas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Letícia Furtado et al. Aspectos do AVE isquêmico: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, PR, v. 5, n. 2, p. 4098-4113, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/44707-111788-1-PB.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

ARAÚJO, Ana Paula Serra et al. Prevalência dos fatores de risco em pacientes com acidente vascular encefálico atendidos no setor de neurologia da clínica de fisioterapia da UNIPAR, campus sede. **Arquivos de Ciências da Saúde Unipar, Umuarama**, v. 12, n. 1, p. 35-42, 2008. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/> Acesso em: abr. 2024.

ARAÚJO, Ana Rachel Cavalcante et al. Classificação da dependência de cuidados de enfermagem dos pacientes acometidos por acidente vascular encefálico. **Cogitare enferm**, Curitiba-PR v. 20, n. 3 p. 581-588, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/41037>. Acesso em: abr. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. **Secretaria de atenção a saúde**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRETHOUR, Mary et al. Controversies in Acute Stroke Treatment. **Aacn Advanced Critical Care**, v. 23, n 2, p.158-172, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4037/NCI.0b013e31824fe1b6>. Acesso em: abr. 2024.

BROCAL, Priscilla Valladares; FERREIRA, Márcia Assunção. Equipe de enfermagem e comunicação: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Rev Bras Enferm**, Brasília-DF, v. 65 n 3, p. 97-103, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/rxxwHhHCkZbGpD9M47DjDxp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: abr. 2024.

CARVALHO, Manoel Renan Sousa et al. Cuidados de Enfermagem ao Paciente acometido por Acidente Vascular Cerebral: Revisão Integrativa. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** v.13, n. 44, p. 198-207, 2019. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: abr. 2024.

CAVALCANTE, Tahissa Frota et al. Intervenções de enfermagem aos pacientes com acidente vascular encefálico: uma revisão integrativa de literatura. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 6, p. 1495-1500, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/jBmbw38mp8DKwRD4TSGKHgP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: abr. 2024.

CUNHA, Maria Luzia Chollopetz (Org.). Semana de Enfermagem. **Anais [recurso eletrônico]**. Semana de Enfermagem; promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

FARIA, Ana Conceição Alves et al. Percurso da pessoa com acidente vascular encefálico: do evento à reabilitação. **Rev Bras Enferm [Internet]**. Florianópolis-SC v. 70 n. 3 p. 495-503, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VhMQcxQrk7GMYscVspdnNvF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar. 2024.

FERNANDES, Amanda Mônica Gomes et al. O papel do enfermeiro no cuidado a pacientes acometidos por acidente vascular encefálico. **Revista Humano Ser**, Natal-RN v. 3 n. 1 p.145-157, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifacex.com.br/humanoser/article/view/1013>. Acesso em: abr. 2024.

FERRARI, Yasmin Anayr Costa et al. Atuação do enfermeiro no acidente vascular encefálico: uma revisão integrativa. **Caderno De Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - SERGIPE**, v. 4 n. 2, p. 126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/4599>. Acesso em mar. 2024.

FERREIRA, Sabrina Irineu. Cuidados de enfermagem e a importância do enfermeiro no atendimento ao paciente acidente vascular encefálico. **REVISTA ESPAÇO CIÊNCIA & SAÚDE**, Cruz Alta - RS v. 8, n. 1, p. 01-09, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33053/recs.v8i1.289>. Acesso em: mar. 2024.

FERREIRA JÚNIOR, Wandeclebson et al. Assistência de enfermagem a pacientes idosos acometidos por acidente vascular cerebral. **Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX**. Natal-RN v.17, n. 01, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/1076/366>. Acesso em: abr. 2024.

FRANGIONE-EDFORT, Érica. A Guideline for Acute Stroke. **Journal of Neuroscience Nursing**, v.46, n.6, p.25-32, 2014. Disponível em: https://journals.lww.com/jnnonline/abstract/2014/12000/a_guideline_for_acute_stroke___evaluation_of_new.16.aspx. Acesso em: mar, 2024.

GOMES; Regina Kelly Guimarães; MANIVA; Samia Jardelle Costa. Consulta de enfermagem para paciente vitimado por acidente vascular encefálico: Relato de experiência. **Revista Expressão Católica**; v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/1371>. Acesso em: abr. 2024.

MANIVA, Samia Jardelle Costa Freitas; FREITAS, Consuelo Helena Aires. Uso de alteplase no tratamento do acidente vascular encefálico isquêmico agudo: o que sabem os enfermeiros?. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Fortaleza-CE v. 65, n. 3, p. 474-481, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/zTPHxX97rcXGhLYBLL6jWXN/>. Acesso em abr. 2024.

MARQUES, Eder Alves et al. Escalas aplicadas em pacientes com suspeita e diagnóstico de acidente vascular encefálico. **Revista Nursing**, v.22, n.251, p. 2921-

2925, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-998874>. Acesso em: abr. 2024.

MORAIS, Huana Carolina Cândido et al. Sobrecarga e modificações de vida na perspectiva dos cuidadores de pacientes com acidente vascular cerebral. In: **Revista Latino-americana de Enfermagem**, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt_17.pdf. Acesso em: mar. 2024.

MOURA, Mirian. CASULARI, Luiz Augusto. Impacto da adoção de medidas inespecíficas no tratamento do Acidente Vascular Cerebral Isquêmico agudo em idosos: a experiência do Distrito Federal, Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v.38, n.1, p.57-63, 2015. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2015.v38n1/57-63>. Acesso em: mar. 2024.

NUNES, Denyse Lemos Sousa et al. Cuidado de Enfermagem ao Paciente Vítima de Acidente Vascular Encefálico. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**; v. 21, n. 01, 2017. Disponível em <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/24003>. Acesso em: abr. 2024.

OLIVEIRA, Benedito Cherbéu Dlessandre et al. O papel do enfermeiro nas três primeiras horas pós acidente vascular encefálico. **Revista Prospectus**, Guaçu- SP v. 2, n. 1, p. 177-189, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/artigo+10.pdf>. Acesso em: mai. 2024.

PEREIRA, Amanda Alves et al. Intervenção de enfermagem para vítimas de acidente vascular encefálico isquêmico: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, e2212340303, 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/40303-Article-432487-1-10-20230217.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

PINHEIRO, José Maurício Santos. **Da iniciação científica ao TCC: uma abordagem para os cursos de tecnologia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

RANGEL; Edja Solange Souza et al. Qualidade de vida de paciente com acidente vascular cerebral em reabilitação. **Acta Paul Enferm.; Maceió-AL** vol. 26, n. 205-12, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/mHYgZZ5BGngmHnkTKfhzQkS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: abr. 2024.

RIBEIRO, Maria Caroline Andrade et al. Assistência de enfermagem ao paciente com acidente vascular encefálico. **Rev Enferm Atual Derme** v. 95, n. 34, 2021. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1001>. Acesso em: mar. 2024.

RUDIO, Franz Victor **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SANTOS, Johnny Vitor Sbampato et al. Os efeitos da capacitação de enfermeiros sobre avaliação de pacientes com acidente vascular cerebral. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v. 11 n. 5 p. 1763-1768, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/23321-45068-1-PB.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

SILVA, Gisele Sampaio et al. Tratamento da Fase Aguda do Acidente Vascular Cerebral Isquêmico. In: **Revista Neurociências**, v. 13, n. 1, p. 39–49, 2005. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8844>. Acesso em: abr. 2024.

SOUTO, Robson Saraiva Ferreira et al. Intervenção de enfermagem no paciente com acidente vascular encefálico isquêmico no setor de emergência. **Rev Inic Cient Ext**. 2019; v. 2n. 4 p. 235-240. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/263/203>. Acesso em: mar. 2024.

SOUZA, Pollyanna Bahls et al. Gerenciamento de caso para pessoas com acidente vascular cerebral: estudo quase experimental. **Cogitare Enferm. [Internet]**. 2022. Disponível em: [dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.81759](https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.81759). Acesso em: abr. 2024